

## NARRATIVAS AFRODIASPÓRICAS E TERRITORIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA EM “ÁGUA DE BARRELA”

*Aphrodisporic Narratives and Territorialization of Memory in “Água de Barrela”*

**Ana Clara Marques de Lacerda**  
Universidade Federal de Goiás

### RESUMO

O presente estudo analisa o romance “Água de Barrela” (2016), de Eliana Alves Cruz, como um projeto literário que articula memória, espaço e resistência no contexto afrodiaspórico. O objetivo central é examinar de que maneira o livro constrói, sob uma perspectiva decolonial, autobiográfica e memorialística, uma narrativa que mobiliza memória afrodiaspórica, tradição oral, vivência feminina negra e processos de territorialização da memória, ressignificando o espaço como instância simbólica e política. A investigação apoia-se em autores como Philippe Lejeune, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Muniz Sodré e Doreen Massey, cujas contribuições permitem articular a dimensão autobiográfica, memorialística, simbólico-política e espacial da obra. A investigação mostra que a escrita de Eliana opera um deslocamento epistemológico ao legitimar experiências e saberes afrodiaspóricos como fontes válidas de conhecimento, ao mesmo tempo em que transforma a memória familiar em herança coletiva capaz de redefinir identidades, confrontar o epistemicídio e propor novas formas de imaginar o espaço, o tempo e a literatura brasileira.

**Palavras-chave:** Memória afrodiaspórica; Autobiografia; Territorialização.

### ABSTRACT

This study analyzes Eliana Alves Cruz's novel “Água de Barrela” (2016) as a literary project that articulates memory, space, and resistance in the Afro-diasporic context. The central objective is to examine how the book constructs, from a decolonial, autobiographical, and memorialistic perspective, a narrative that mobilizes Afro-diasporic memory, oral tradition, Black female experience, and processes of territorialization of memory, re-signifying space as a symbolic and political instance. The research is based on authors such as Philippe Lejeune, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Muniz Sodré, and Doreen Massey, whose contributions allow us to articulate the autobiographical, memorialistic, symbolic-political, and spatial dimensions of the work. The investigation shows that Eliana's writing operates an epistemological shift by legitimizing afro-diasporic experiences and knowledge as valid sources of knowledge, while simultaneously transforming family memory into a collective heritage capable of redefining identities, confronting epistemicide, and proposing new ways of imagining space, time, and Brazilian literature.

**Keywords:** Afro-diasporic memory; Autobiography; Territorialization.

## INTRODUÇÃO

O romance que inaugura a prosa de Eliana Alves Cruz combina canto e palavras contadas, sonhos e suor, mãos e mentes engenhosas. A autora mergulhou por cinco anos na pesquisa de sua árvore genealógica para compor o aclamado “Água de Barrela” (2016), vencedor do 1º lugar no I Prêmio Oliveira Silveira, da Fundação Cultural Palmares (FCP/MINC). A obra remonta a saga de nove gerações de uma linhagem familiar, cuja história tem início em 1849, quando seus ancestrais foram sequestrados da cidade iorubá de Iseyin e levados ao Recôncavo Baiano, mais precisamente para a cidade de Cachoeira, tornando-se propriedade do engenho Nossa Senhora da Natividade.

O livro perpassa séculos de história, transitando entre locais e temporalidades distintas. A estrutura é organizada em duas partes: “Martha e Adônis” e “Damiana e João Paulo”, cujos nomes se conectam às relações familiares encadeadas pelas figuras de Akin, Gowon e Ewa, tios-avós da autora, originários da “pequena região do reino de Oió, no oeste africano” (Cruz, 2018, p. 19). O enredo é construído de modo que as memórias de diferentes gerações se entrelaçam a partir do olhar das mulheres, que imprimem à narrativa sua determinação e resiliência. Esses traços são transmitidos aos descendentes, garantindo inicialmente a sobrevivência e, posteriormente, a superação das adversidades enfrentadas.

Ao articular experiências familiares e coletivas, a autora reconstrói um passado silenciado, e também projeta novas formas de compreender e ocupar o espaço narrativo. Nessa tessitura entre memória e território se insere o objetivo da presente investigação: compreender, a partir do romance, de que maneira esse artifício literário pode funcionar como instrumento de ressignificação do espaço e do lugar. Parte-se da premissa de que a obra confronta o discurso histórico ao legitimar vozes de autoria afro-brasileira, contribuindo assim para a ampliação de saberes e narrativas do passado em direção a um futuro almejado (Pinheiro; Santos, 2023, p. 105). Ademais, o estudo objetiva analisar o texto sob uma perspectiva decolonial, autobiográfica, memorialística, simbólico-política e espacial. Ou seja, reconhecendo o papel do livro na desconstrução das amarras da colonialidade e na articulação de múltiplas fronteiras: literárias, históricas, geográficas, sociológicas, religiosas, políticas, filosóficas, da memória e imagéticas - por meio da recuperação de oralidades, imagens de arquivo, documentos e outros registros (Oliveira, 2023, p. 326).

Com o objetivo de investigar a potencialidade dessas categorias que ressaltam em “Água de Barrela” - memória afrodiaspórica, tradição oral, vivência feminina negra e a territorialização dessas vivências - adota-se como base teórica as contribuições de Grada Kilomba (2019) e Sueli Carneiro (2005), cujas críticas ao silenciamento e ao epistemicídio são fundamentais para a discussão proposta. Somam-se a esse arcabouço, o esteio conceitual de Conceição Evaristo (2008, 2017) e Philippe Lejeune (2008), que auxilia na compreensão das dimensões mnemônicas, da pluralidade de vozes e do caráter autobiográfico e biográfico presentes na história. E por fim, sob a pretensão de analisar

a esfera do espaço e sua relação com a sociedade afrodiaspórica, bem como os processos de territorialização da memória, recorre-se às formulações do sociólogo, Muniz Sodré (2019), vistas sob o prisma do território como elemento formador de identidade, e da geógrafa, Doreen Massey (2007, 2008, 2017), que concebe o espaço como arena de relações de poder e multiplicidade de narrativas.

### Rasgando o silêncio

A “saga dos afetos” (Oliveira, 2023) urdida por Eliana Alves Cruz em “Água de Barrela” é entrelaçada no decorrer de nove gerações. Assim, concebida a partir de uma pluralidade de fios - das vidas contadas, das existências tecidas, das vozes ancestrais - emerge a memória familiar da autora. Trata-se de uma narrativa que combina ficção e realidade, “documenta e representa um dos episódios históricos mais potentes de injustiça e horror” (Oliveira, 2023, p. 301), a sementeira de uma árvore genealógica cujas raízes se estendem no espaço-tempo, acompanhando diversos episódios do processo histórico brasileiro.

A linhagem familiar é introduzida na narrativa através dos olhos de Damiana: “Sentada na cadeira de rodas, ela olhava toda aquela gente ao seu redor. Não estava acostumada a ser o centro das atenções” (Cruz, 2018, p. 15). Soma-se ao olhar da bisavó de Eliana a perspectiva de várias personagens femininas que compõem a narrativa: Ewa, Umbelina, Isabel, Anolina, Das Dores, Martha, Dodó, Celina, Nunu, entre outras tantas. Todas elas, assim como a centenária que introduz a história e cujo itinerário marca o período pós-abolição na trama, são mulheres marcadas por um caráter subversivo e em contraposição ao pensamento colonialista, as quais “mesmo diante de tamanho sofrimento, encontraram mecanismos para superar a opressão através da união e admiração entre elas” (Silva, 2023, p. 47).

A construção dessas personagens resvala nitidamente no pensamento de Nascimento (2021, p. 56), ao apontar que a mulher negra pode ser considerada essencialmente produtora, sobretudo enquanto escrava, desempenhando um papel ativo que englobava os afazeres na casa-grande, o trabalho no campo e em atividades auxiliares do corte e do engenho, além da exploração sexual perpetrada pelos senhores (2021, p. 60). No enredo de “Água de Barrela” isto se evidencia, uma vez que este, “propõe inúmeras representações ao refletir sobre a cultura da violência contra corpos negros, reforçando as opressões do estupro, do vilipêndio físico, da segregação e do sexismo” (Torres; Rodrigues; 2023, p. 28).

Contudo, Eliana também enfatiza por meio da sua escrita a indispensabilidade em compartilhar a visão crítica daquelas mulheres, a subjetividade de cada uma delas (Silva, 2023, p. 47). São personagens dotadas de sensibilidade, sonhos, consciência e aptas à reelaboração de suas experiências, conforme apontam Machado e Andrade:

As personagens do romance de Cruz (2018) desafiam estereótipos e visões simplistas sobre a mulher negra na história. Elas são retratadas como protagonistas de suas próprias histórias, com agência e capacidade de transformação. Seus desejos, lutas e contribuições são

valorizados e apresentados como elementos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa. [...] Portanto, o protagonismo feminino encontrado na obra reforça a representatividade e a relevância das mulheres negras na história brasileira, oferecendo uma visão complexa e empoderadora dessas personagens e de suas lutas por justiça social e liberdade (Machado; Andrade; 2024, p. 9).

Nesse sentido, é pertinente considerar a magnitude que o romance carrega, tendo em vista que converge à concepção decolonial. Ao lançar a centralidade da obra na potência das vozes femininas negras que guardam e compartilham a memória e as tradições da família, Eliana realiza uma proeza: “confronta a epistemologia do saber que se estabeleceu através do colonialismo” e contribui para uma globalização “que permita às histórias familiares excluídas da série histórica serem desprendidas, dignificadas e reconhecidas como geradoras de saberes ancestrais” (Silva, 2023, p. 44-45).

Isto posto, torna-se possível articular o que propõe Philippe Lejeune na obra “O pacto autobiográfico” (2008) à luz do pensamento de Grada Kilomba (2019). No referido estudo, o autor observa - ao refletir sobre o “silêncio” do que seria uma memória popular oriunda do século 19 - que “o vivido das classes dominadas não está, na verdade, em suas próprias mãos” (2008, p. 133). Tal afirmação encontra ressonância no que sublinha Kilomba, ao afirmar que “a própria ausência (no centro) da voz da/o colonizada/o pode ser lida como emblemática da dificuldade de recuperar tal voz” (2019, p. 49).

Os relatos autobiográficos, obviamente, não são escritos apenas para ‘transmitir a memória’ [...]. Eles constituem o espaço em que se elabora, se reproduz e se transforma uma identidade coletiva, as formas de vidas próprias às classes dominantes. Essa identidade se impõe a todos os que pertencem ou se integram a essas classes e relega as outras a uma espécie de insignificância (Lejeune, 2008, p. 131).

Ainda sob esse prisma, Pinheiro e Santos (2023, p. 106), defendem a premissa de que “literatura e a memória, escritas a partir de vivências e experiências afrodiaspóricas, propõem a compreensão de experiências humanas que nenhum outro documento pode apresentar”. Cabe ressaltar que, no romance, essa representatividade assume contornos ainda mais significativos. A personagem Nunu, tia-avó de Eliana, cujos relatos sustentam a tessitura da obra, enfrentou o estigma da esquizofrenia, condição que a descredibilizava. A autora conta que, embora a tia-avó fosse tratada com o máximo carinho, “nada do que Nunu falava era levado realmente a sério” (Cruz, 2018, p. 307).

Entretanto, a figura de Tia Anolina, que despertara durante a infância da autora a curiosidade e o anseio de compreensão, é ressignificada. Em “Água de Barrela” a voz de Nunu é incontornável e decisiva, simboliza “um acervo precioso de memórias históricas” (Pinheiro e Santos, 2023, p. 108). Por conseguinte, faz-se nítido que o romance familiar “colabora na construção de uma memória social mais autêntica e condizente com a vivência e os relatos orais dos sujeitos

envolvidos, neste caso, o povo negro, por muitos anos silenciado” (Silva, 2023, p. 49). Tia Nunu é o fio que rasga o silêncio e costura as memórias dispersas.

### A narrativa como herança

Para compreender o caráter autobiográfico do primeiro romance publicado por Eliana pode-se recorrer ao que conjectura Lejeune (2008). De acordo com o autor, a palavra autobiografia pode ser utilizada para designar qualquer texto em que o escritor “propõe ao leitor um discurso sobre si”, bem como uma “realização particular desse discurso, na qual a resposta à pergunta ‘quem sou eu?’ consiste em uma narrativa que diz ‘como me tornei assim’” (Lejeune, 2008, p. 54). Desse modo, quando a autora busca entender quem eram, o que pensavam e o que diziam o séquito de pessoas com quem Tia Nunu interagira em seus delírios misteriosos (Cruz, 2018, p. 307), ela atende a uma busca que é também pessoal e identitária. Ao coletar essas informações e reconstruir a memória familiar a autora reencontra a si dentro dessa genealogia, alicerçada em um legado que diz do “todo”, mas também do “eu”.

Eu anotava tudo o que podia e partia para pesquisar. Todas as informações conferiam com registros históricos, com a descrição dos locais, com informações de residentes e amigos que são competentes pesquisadores. Agora, passados cinco anos, creio que é hora de deixá-la em seu mundo e com seus queridos. Não pergunto mais nada nem peço que me revele qualquer lembrança, embora, ao sentar ao seu lado, ela sempre me lembre de quem realmente sou (Cruz, 2018, p. 309).

Além das palavras que compõem as 320 páginas do romance, a narrativa é atravessada por elementos materiais que reiteram sua dimensão biográfica e autobiográfica. Tais recursos, conforme aponta Oliveira (2023, p. 301), colaboram para que a série historiográfica seja capaz de reconstituir a trajetória de uma das muitas famílias afetadas pela escravização, recuperando suas memórias, dores e experiências. A carta escrita à mão – que forneceu “pistas preciosas para reconstituir nossa história” (Cruz, 2018, p. 303) –, a árvore genealógica, a foto de Damiana “sacada pelo fotógrafo Lindemann em 1911, além de outras imagens e documentos” (Cruz, 2018, p. 308), bem como objetos como o fio de contas de Xangô e a boneca de porcelana de Nunu, sinalizam a ancoragem do romance em registros e vivências que ampliam o aspecto mnemônico.

Ao narrar o percurso dos seus ancestrais, Eliana envereda por uma escrita que transcende à própria história. Nas palavras de Hora, ao examinar relatos de mulheres negras: a construção autobiográfica, no processo de se situar como pessoa, incorpora também as histórias de outras mulheres, sejam elas avós, mães, irmãs ou filhas (2024, p. 25). Ou seja, a rede de relações estabelecida pela autora atesta como “a narrativa, enquanto lugar de produção do autoconhecimento, acontece no diálogo e no encontro com o outro” (Neves; Amorim; Frison, 2020, p.13).

A escrita de si e dos seus, assim como a transmissão de memórias se manifesta na passagem das palavras faladas por Tia Nunu para as palavras escritas. Atendendo ao desejo, germinado desde a juventude, de

“pesquisar mais fundo para depois escrever” (Cruz, 2018, p. 308), e lançando mão da escuta atenta sobre os relatos de sua tia, a autora incorpora a máxima de “beber da história para recontá-la” (Torres; Rodrigues; 2023, p. 22). Nesse processo, evidencia-se a centralidade da memória como aliada da tradição, especialmente nas culturas de origem africana, nutridas pela oralidade e pelos saberes ancestrais (Cardoso; Guimarães, 2025, p. 12). O romance, portanto, torna-se uma via para “recontar as histórias do povo preto sob a perspectiva desse próprio povo” (Cardoso; Guimarães, 2025, p. 12), reforçando a magnitude das narrativas historicamente silenciadas.

A literatura sob perspectiva decolonial, concentrada nas premissas da autobiografia, da biografia e da memória narrada pela herança oral, desenha-se como um projeto estético-político que confronta os eixos do discurso histórico oficializado. Essa questão pode ser observada à luz do que ressaltam Pinheiro e Santos (2023, p. 114) ao considerarem que o “prosseguimento da tradição oral é consonante com a busca pela manutenção da história afro-brasileira” (2023, p. 114). Embora as narrativas literárias de memórias de pessoas negras, provenientes da diáspora, sejam urgentes e insurgentes (Pinheiro; Santos, 2023, p. 105), estas enfrentam o epistemicídio, processo que, segundo Sueli Carneiro, “fere de morte a racionalidade do subjugado ou a sequestra” (2005, p. 97).

Por entender o epistemicídio enquanto “processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais”, Carneiro (2005, p. 97) dialoga com Kilomba quando esta evidencia que os discursos de intelectuais negras são frequentemente desqualificados (2019, p. 51). No que tange à invisibilização das narrativas produzidas pelas sociedades afrodiáspóricas, Conceição Evaristo (2008, p. 7), atenta para o perigo da negligência em reconhecer a memória e a oralidade como práticas sociais fundamentais, as quais são capazes de “soldar gerações diversas dentro e fora da África”. Para a autora, tratar essas formas de transmissão como fontes frágeis ou incapazes de registrar a história significa ignorar que sociedades sem escrita desenvolveram sistemas de organização e modos de vida complexos, cuja construção e preservação do saber se sustentam justamente por meio da memória e da oralidade (Evaristo, 2008, p. 7).

O que tanto Evaristo, quanto Kilomba - e especialmente Eliana Alves Cruz - suscitam é a legitimação da experiência narrada, da oralidade e da memória de grupos historicamente silenciados enquanto fontes válidas epistemologicamente. Trata-se de compreender a fundamentalidade dessas dimensões desafiadoras do cânone dominante e precursoras da continuidade de histórias e vivências que, do contrário, seriam apagadas. Com efeito, o que ressoa em Conceição ao dizer da precisão de autorizar o texto da própria vida, assim como de ajudar a construir a história dos seus, de “continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás” (2017, p. 110), ressoa também em “Água de Barrela” - na história que “continuou e está prosseguindo através de todos nós, pessoas comuns, mas que têm em suas mãos os pedaços miúdos da vida” (Cruz, 2018, p. 305).

## O solo da memória

O rio por onde escorre a água de barrela que nomeia o romance, bem como o engenho, a casa-grande, o terreiro de Anacleto, o campo, a cozinha, a sala de aula, todos são elementos espaciais que sedimentam os encontros e desencontros da linhagem familiar da autora. O local é mais do que o cenário em que se dão as desditas e êxitos das personagens, se inscreve como camada constitutiva das relações sociais, dos conflitos e festejos, é trilha que conduz à memória. Os episódios narrados por Eliana são dotados de uma materialidade territorial e também simbólica. Muniz Sodré (2019, p. 15), ao dizer que o território desponta “como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros” nos leva a entender o que descreve Menck (2025, p. 218) sobre esse “chão” que territorializa a memória afrodiaspórica, especialmente por meio da história oral.

Sob o contexto da diáspora africana, novas perspectivas são evidenciadas, pois o desprendimento do território e a perda da terra e da comunidade como extensão física e material tensionam o corpo como principal instrumento documental e de resistência, pelo qual o indivíduo negro manifesta suas instituições culturais, celebra sua ligação com as heranças africanas e transmite a memória coletiva. Nesse sentido, assim como o corpo negro conforma-se como testemunho de suas heranças e culturas, transmitidas a partir da oralidade, o chão se apresenta como territorialização da memória e convergência entre espaço e identidade. Na matriz africana, a relação com a terra vai além de sua configuração física e integra a dimensão do sagrado: torna-se objeto de concretização da resistência material e simbólica (Menck, 2025, p. 218).

No processo de escrita da obra analisada, a autora visita Cachoeira (cidade do Recôncavo baiano onde se passa a primeira parte do enredo) e se depara com as ruínas do Engenho Natividade. Todavia, em contraste com a decadência desse passado colonial, “ergue-se, majestoso e lindo na paisagem calma, o pé de cajá que brota de dentro do terreiro em que atuou Anacleto” (Cruz, 2018, p. 304-305), rebento da mesma terra calcada pelas ancestrais dessa saga. A permanência do cajazeiro evoca a noção de resistência vista sob a perspectiva de Sodré, que declara os terreiros como exemplo de suporte territorial que permitiu a continuidade da cultura africana em face “dos estratagemas simbólicos do senhor, daquele que pretende controlar o espaço da cidade” (2019, p. 19).

A leitura do território enquanto lugar vivo de resistência, memória e dotado de aura simbólica, concatena-se ao que propõe Doreen Massey (2007, p. 152) quando descreve o espaço como “justaposição - ou coexistência - de narrativas distintas, como produto de relações sociais imbuídas de poder”, assim, a autora o concebe como uma arena de tensões e disputas. Para a geógrafa, essa dimensão é uma esfera de multiplicidade, fruto das relações sociais e sempre em processo (Massey, 2008, p. 144), uma miscelânea de histórias cujas repercussões permanecem nele, sejam elas passadas ou presentes em constante produção (Massey, 2008, p. 174). O cajazeiro ilustra concretamente essa ideia, reunindo

narrativas diversas dentro de uma mesma espacialidade – o passado colonial das ruínas do engenho, as vivências das “velhas avós” de Eliana, e a continuidade cultural africana representada pelo terreiro.

A possibilidade de “viajar através de trajetórias” descrita por Massey (2008, p. 176) manifesta-se na própria experiência da narradora, que retorna ao solo de chegada de sua família no Brasil, território marcado por memórias e significados que atravessam gerações. Elucidando com esse ato que “chegar a um novo lugar quer dizer associar-se, de alguma forma ligar-se à coleção de estórias entrelaçadas das quais aquele lugar é feito” (Massey, 2008, p. 176), e assim, que sua presença ali também é representativa do processo identitário e simbólico, da resistência de um legado.

Ao dar voz às suas personagens, Eliana reconhece nelas um saber situado, enraizado em lugares, trajetórias e territórios que configuram espaços de memória coletiva que teimam em resistir. Nesse movimento a escritora encaminha o debate para a reflexão de Massey quanto ao espaço e o domínio deste. Ao discutir a “mente geográfica” (Massey, 2017, p. 190), a geógrafa ressalta a importância de desenvolver uma “imaginação de espaço que incorpore as geometrias de poder que constroem este mundo altamente desigual”. Essa concepção converge com a crítica à neutralidade do espaço, reforçada por Grada Kilomba (2019, p. 52) ao citar Collins (2000), cuja análise aponta que, embora grupos marginalizados há muito tempo falem e produzam conhecimento de forma independente, a assimetria de poder entre eles resulta também em desigualdade no acesso aos recursos necessários para validar suas vozes. Nesse contexto, a escrita de Eliana atua como instrumento de legitimação dessas vozes, pois ela “não naturaliza os negros em uma posição de escravizados ou subalternizados, lugar esse reproduzido em várias representações no cânone literário brasileiro” (Cardoso; Guimarães, 2025, p. 17).

Na perspectiva de colocar o discurso afrodiaspórico em foco, pode-se considerar o que suscita Massey quando afirma que “uma “mente geográfica” necessariamente implica em uma atitude da mirada-de-fora-para-dentro” (2017, p. 39). A autora defende que a própria linguagem utilizada no ensino da geografia projeta uma imaginação que subestima a diferença (2017, p. 39). Segundo ela, o discurso moderno articula “geografias imaginativas que legitimizam (é claro que sem declarar abertamente) em nome dos poderosos” (Massey, 2007, p. 149). Essa perspectiva dialoga com Grada Kilomba ao lembrar que, historicamente, o centro acadêmico não é um espaço neutro: ele tem sido branco e excludente, negando às pessoas negras o privilégio de fala (2019, p. 50-51).

Neste contexto no qual “muitos de nossos habituais modos de imaginar o espaço foram tentativas de dominá-lo” (Massey, 2008, p. 216), ressoa a indagação de Grada: “O que acontece quando nós falamos no centro?” (2019, p. 30). É exatamente nesse caminho que opera a potência do espaço discursivo preenchido por Eliana Alves Cruz. Se de um lado estamos continuamente construindo e perpetuando imagens mentais do mundo, a escrita autobiográfica e biográfica presente em “Água de Barrela” atua como “contraposição discursiva em que a narração ocorre



na perspectiva dos povos colonizados, afirmando a identidade negra a partir de suas próprias raízes” (Pinheiro; Santos; 2023, p. 117), e, portanto, ressignificando também esse imaginário geográfico. Assim, o romance exemplifica na narrativa literária a crítica de Massey, revelando como a disputa pelo espaço e pelo poder de contar histórias é central tanto para a opressão quanto para a resistência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise em torno do romance nos direciona a pensar como Eliana Alves Cruz constrói uma narrativa que é simultaneamente resgate de uma memória familiar e de uma memória espacial, sendo que ambas são atravessadas e potencializadas pelo horizonte afrodiaspórico. Trata-se de um texto que evidencia a existência de um imaginário espacial, de imagens de mundo e histórias que repercutem no espaço e desvela como essa instância espacial pode servir para confrontar as estruturas coloniais que, ao longo dos séculos, silenciaram e continuam a silenciar vozes negras. Considerando que a dimensão territorial é produto inacabado de relações sociais em constante atualização, a narrativa - ao projetar vozes femininas negras no centro - rompe com a concepção de uma geografia colonial, que tradicionalmente apagava essas histórias.

A partir da tradição oral e da memória afrodiaspórica, a autora reitera a experiência vivida como fonte válida e legítima de conhecimento. Ao revelar o protagonismo negro e articular o espaço como território de identidade e disputa simbólica, o romance exerce o olhar de fora para dentro, trazer os discursos da margem para o núcleo do debate. A mensagem que ecoa na fala do personagem Adônis: “A terra, o trabalho, as pessoas tudo pode ser igual, Martinha, mas os lugares de cada um, ah, esses é que nunca mais serão os mesmos!” (Cruz, 2018, p. 149), explicita como o espaço é continuamente ressignificado pelas marcas da memória e da desigualdade histórica. Portanto, o livro aciona um discurso que confronta a história oficial, e projeta novas formas de imaginar o espaço, o tempo e, inclusive, a literatura brasileira. Eliana sublinha caminhos para que outras narrativas afro-brasileiras sejam reconhecidas como produtoras de saberes e resistências.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Wesley Ítalo Bernardo; GUIMARÃES, Kalina Naro. *Água de Barrela: uma história familiar de resistência e emancipação feminina. Discursividades*, [S. l.], v. 17, n. 1, p. e-1712510, 2025. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDISC/article/view/3806>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como Fundamento do Ser*. 2005. Tese (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. 3 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da Afro-Brasildade: história e memória*. Belo Horizonte: **Releitura**, v. 1, n. 23, p. 5-11, 2008. Disponível em: [https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacaomunicipalde-cultura/2021/revista\\_releitura\\_v23.pdf](https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacaomunicipalde-cultura/2021/revista_releitura_v23.pdf). Acesso em: 25 ago. 2025.

HORA, Sonia Ferreira da. **Autobiografias de Mulheres Negras na UFSB: Narrativas sobre como a Educação Contribui no Entendimento da Própria História**. 2024. Dissertação (Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais) - Universidade Federal Do Sul Da Bahia, Itabuna, 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEJEUNE, Philippe. **O Pacto Autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Orgs. Jovita Maria Gerheim Noronha: tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MACHADO, Liliane Viana; ANDRADE, Émile Cardoso. “Água de Barrela”: protagonismo feminino e resistência na literatura brasileira. **Anais do XX Encontro de Formação de Professoras/es de Línguas (ENFOPLE)**. Inhumas: UEG, 2024.

MASSEY, Doreen. Imaginando a Globalização: Geometrias de Poder de Tempo Espaço. **Revista Discente Expressões Geográficas**. Florianópolis-SC, n. 03, p. 142-155, Maio de 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MASSEY, Doreen. A Mente Geográfica. **GEographia**, Niterói, v. 19, n. 40, p. 36-40, 2017. DOI: 10.22409/GEographia2017.v19i40.a13798. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13798>. Acesso em: 25 ago. 2025.

MENCK, V. D. Quintais Negros Urbanos como Espaço de Resistência Cultural no Interior Paulista. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, 16(44), 2025. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1865>. Acesso em: 25 ago. 2025.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**; organização Alex Ratts. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NEVES, João Guimarães; AMORIM, Felipe Vieira; FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. O conceito de formação na pesquisa (auto)biográfica: a complexidade como paradigma emergente e o método (auto)biográfico como síntese. **Revista Eletrônica de Educação**, [S. l.], 14, p. e3129095, 2020. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/3129>. Acesso em: 25 ago. 2025.

OLIVEIRA, Paulo Cesar Silva de. *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz: Por Uma Poética de Repovoamento. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, n. 46, 2023. DOI: 10.12957/seminal.2023.78162. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/78162>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PINHEIRO, Nayane Larissa Vieira; SANTOS, Luciana Lis de Souza e. Das figuras da memória que não embranqueceram na Água de Barrela. **Revista Em Tese**, v. 29 n. 1 (2023): Poéticas da Relação: A Literatura Comparada no Contexto da Diáspora Negra nas Américas. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/emt/article/view/56330>. Acesso em: 25 ago. 2025.

SILVA, Luciana dos Santos. **As águas de barrela que correm nos rios de nossas vidas: uma leitura crítica do romance de Eliana Alves Cruz**. Cadernos de literatura e diversidade 4 [livro eletrônico] / orgs. Shirley de Souza Gomes Carreira, Paulo Cesar Silva de Oliveira. -- São Gonçalo, RJ: Poéticas da Diversidade - UERJ, 2023. Disponível em: [https://www.pplinuerj.com.br/wp-content/uploads/2023/10/E-book-\\_Cadernos-de-Literatura-e-Diversidade-4.pdf](https://www.pplinuerj.com.br/wp-content/uploads/2023/10/E-book-_Cadernos-de-Literatura-e-Diversidade-4.pdf). Acesso em: 25 ago. 2025.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad, 2019.

TORRES, Maximiliano; RODRIGUES, Kaio. Aquilo que embranquece a negra maneira de ser": o reencontro no reconto de Eliana Alves Cruz. (2023). **Revista De Estudos De Literatura, Cultura E Alteridade - Igarapé**, 15(3), 19-34. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/7289?articlesBySimilarityPage=3>. Acesso em: 25 ago. 2025.

#### **Contato da autora:**

**autora:** Ana Clara Marques de Lacerda

**e-mail:** [ana\\_lacerda@discente.ufg.br](mailto:ana_lacerda@discente.ufg.br)

Manuscrito aprovado para publicação em: 07/02/2026.